

299

AVALIAÇÃO: A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES DOS DIVERSOS NÍVEIS DE ENSINO.*Juliana da Silveira Soares, Elaine Maria Dias de Oliveira (orient.)* (Ciências Humanas, URI-Campus Santiago, URI-Santiago).

Entre muitos problemas enfrentados pela educação, encontra-se o da avaliação. Embora as produções científicas tenham aumentado e, no âmbito escolar, as discussões sobre o tema tenham sido uma constante. A prática da avaliação ainda tem suscitado muitas críticas. Ao trabalhar a disciplina de Didática III, no curso de Pedagogia da URI realizamos uma pesquisa de campo envolvendo professores dos diversos níveis de ensino do município de Santiago, para verificar qual a concepção destes sobre a avaliação da aprendizagem, e se as práticas avaliativas eram coerentes com suas concepções, além disso que tipo de instrumento de avaliação eles usavam e como costumavam agir com os instrumentos, após sua aplicação. Para tanto selecionamos uma amostra representativa de cada nível de ensino da Educação Infantil ao Ensino Superior. Aplicamos um questionamento com doze questões abertas que nos permitiu chegar as seguintes conclusões: os professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais apresentam uma concepção de avaliação como processo e ligada a uma “lógica da regulação das aprendizagens”. Sendo seus instrumentos utilizados como meio de aprendizagem dos alunos. Os professores de 5º a 8º série e do Ensino Médio no discurso inicial apontam para uma concepção de processo ligada a “lógica da regulação das aprendizagens”. Porém ao declarem o que fazem com os instrumentos avaliativos demonstram que na realidade agem de forma classificatória, isto na perspectiva da “lógica da excelência”. Já os professores do Ensino Superior percebemos que a maioria apresenta uma concepção ligada a “lógica da excelência” e isto, é confirmado pela forma como agem com os instrumentos avaliativos, após sua aplicação, pois corrigem e atribuem nota ao aluno. Portanto, quanto mais alto o grau de ensino onde o professor trabalhava mais sua concepção de avaliação se aproximava da “lógica da excelência” e mais, se distanciava da “lógica da regulação das aprendizagens” (Perrenoud, 1999).